

Uma História Real de Coragem e Sobrevivência  
na Segunda Guerra Mundial

# CONTRA TODAS AS PROBABILIDADES

**ALEX KERSHAW**

Autor best-seller de obras sobre a Segunda Guerra Mundial



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023

# SUMÁRIO

## PARTE UM: O Mediterrâneo

CAPÍTULO 1	Batismo de Fogo	3
CAPÍTULO 2	Sicília	13
CAPÍTULO 3	Lama, Mulas e Montanhas	37
CAPÍTULO 4	Cume Sangrento	55
CAPÍTULO 5	Nápoles	65
CAPÍTULO 6	A Agonia em Anzio	75
CAPÍTULO 7	Fuga	93

## PARTE DOIS: França

CAPÍTULO 8	La Belle France	107
CAPÍTULO 9	Blitzkrieg em Provença	121
CAPÍTULO 10	A Pedreira	133
CAPÍTULO 11	A Crosta Congelada	145
CAPÍTULO 12	A Qualquer Custo	161

## PARTE TRÊS: Alemanha

CAPÍTULO 13	“Murphy Quase Alcança Britt”	173
CAPÍTULO 14	O Coração das Trevas	189

## PARTE QUATRO: Paz

CAPÍTULO 15	Sem Paz Interior	209
CAPÍTULO 16	Voltando para Casa	221

<i>Agradecimentos</i>		249
<i>Bibliografia Seleccionada</i>		251
<i>Notas</i>		259
<i>Índice</i>		291
<i>Sobre o Autor</i>		295

AMOSTRA

## CAPÍTULO 1



# Batismo de Fogo

O SILÊNCIO ERA enervante depois de vários dias no mar, vindo da América acompanhado pelo constante ranger dos motores do navio, agora já quase nas águas do Atlântico, na região norte da África. Mas não durou muito. Nas primeiras horas do dia, sinos ressoaram e, então, os soldados ouviram o chacoalhar das correntes de uma âncora, ordens vociferadas, passos pesados e frenéticos e guinchos de energia conforme começaram a baixar lanchas de desembarque na espuma do mar.

Houve um chamado pelo rádio. O tenente Maurice “Pé Grande” Britt, de 24 anos, ficou surpreso ao ouvir a voz do presidente Franklin D. Roosevelt anunciar que a invasão do norte da África já havia começado. “Deduzimos que ele tinha se precipitado um pouco”, Britt se recordou mais tarde. “Afinal, ainda estávamos a 12,8km da costa.”<sup>1</sup> Então o loiro Britt, com todos os seus 99kg, foi para o posto na lancha de desembarque. Finalmente, rumou para a costa.

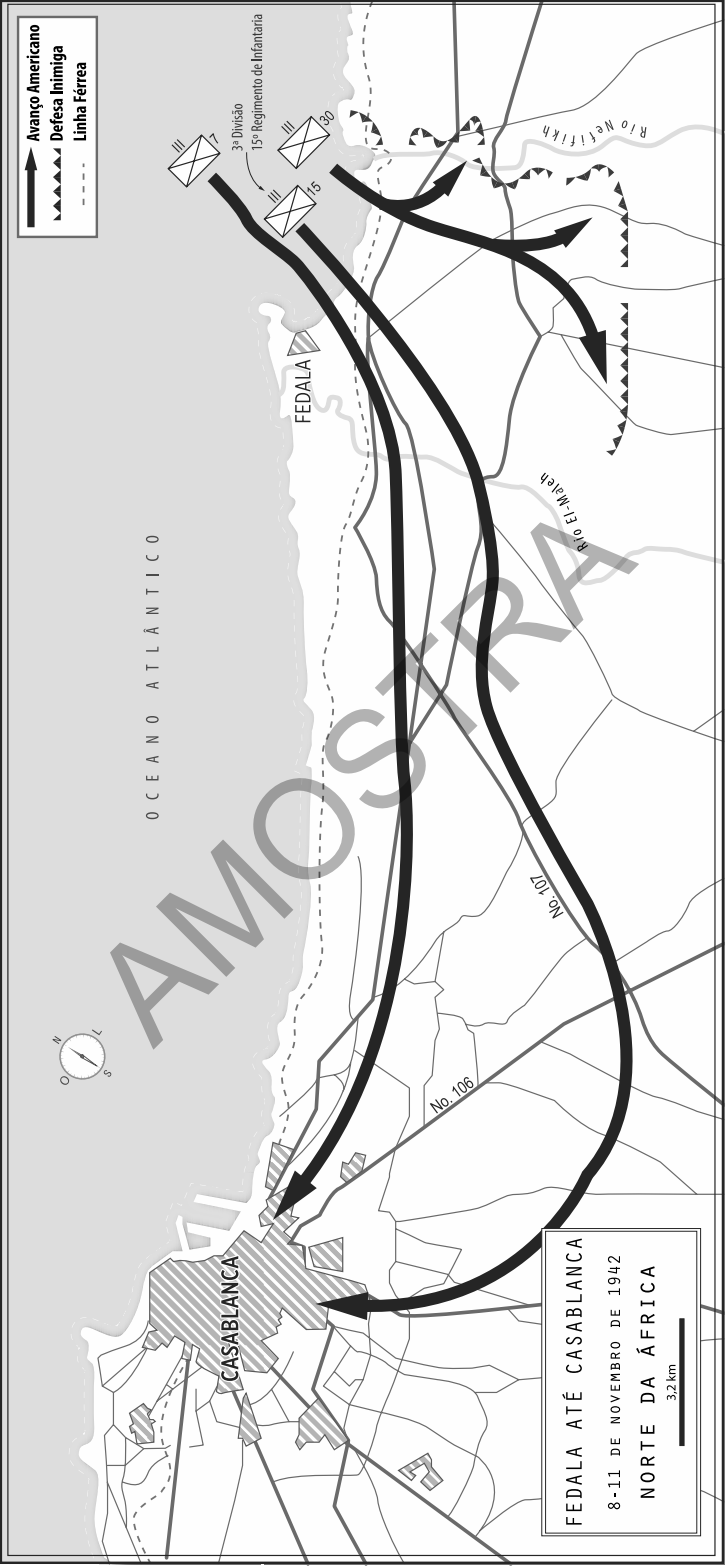
O mar estava pontilhado de embarcações até o horizonte. Britt fazia parte da 3ª Divisão do 30º Regimento de Infantaria, cujo lema era “Nosso país, não nós mesmos”.<sup>2</sup> Ele era um dos 35 mil soldados norte-americanos em uniformes verdes na Força-tarefa Ocidental comandada pelo general George S. Patton, uma das três forças que atacavam o Marrocos francês e a Argélia em três áreas litorâneas de 1,6km de extensão, estendendo-se desde Safim, no Atlântico, até Argel. A chegada dos primeiros norte-americanos na Europa para enfrentar as potências do Eixo ocorreu em um ponto crítico da guerra. Depois de desfrutar de um sucesso impressionante contra o 8º Exército Britânico durante 1941 e boa parte de 1942, o general Erwin Rommel e seu famoso Afrika Korps estavam agora na defensiva, tendo sido derrotados em El Alamein, no Egito, menos de uma semana antes.

Ao todo, a Operação Tocha, a primeira conjunta da guerra feita pelos norte-americanos e pelos britânicos, foi composta por mais de 100 mil soldados apoiados por 350 navios de guerra de 7 marinhas dos Aliados. Os norte-americanos tentaram, sem sucesso, negociar um armistício com os franceses nos dias anteriores e, por isso, uma ordem do alto veio para a divisão de Britt: “Ok, rapazes, vamos colaborar.”<sup>3</sup>

A aurora estava agora rompendo na costa do norte da África. Ao longe, os homens podiam distinguir o campanário de uma igreja católica acima do porto de Fedala.<sup>4</sup> Havia o som de tiros de metralhadora. Munição traçante vermelha cruzava o céu do amanhecer. À frente, uma praia plana e larga se assomava alguns quilômetros a leste de Fedala.

Britt ouviu o zumbido dos bombardeiros franceses e então viu “enormes chafarizes” quando as bombas atingiram o mar. “Foi uma bela visão”, ele lembrou, “até que percebemos, com uma sensação nauseante, que aqueles homens nos bombardeiros estavam tentando nos matar. Nenhuma palestra sobre o assunto e nenhum treinamento de rastejar enquanto metralhadoras estão miradas em você jamais farão um soldado. Você se torna um no instante em que percebe que os tiros que ouve são para matá-lo”.<sup>5</sup>

A lancha de desembarque de Britt atracou. Os homens começaram a descarregá-la, então houve um “barulho ensurdecido de tiros”, ele olhou para cima e viu um avião francês mergulhando em sua direção, metralhando seu regimento. Não houve um bombardeio antes da



invasão na esperança de que os franceses não oferecessem resistência. Muitos de seus companheiros carregavam bandeiras dos EUA, imaginando que seria menos provável que os franceses disparassem contra tropas norte-americanas. As bandeiras não fizeram diferença.

Britt e seus homens pararam de descarregar a embarcação, dirigiram-se para a segurança do outro lado da praia e depois foram terra adentro. Às 12h chegaram a uma área de encontro pré-designada perto de uma ponte suspensa. Então, Britt retornou para a praia com um sargento a fim de resgatar os jipes e os equipamentos que foi forçado a deixar na lancha de desembarque. “A minha empolgação inicial começava a sumir e, quando outro avião de combate veio, caí na praia em terror absoluto, cavando loucamente na areia.”

O avião logo passou, procurando mais alvos. Por cinco longos minutos, Britt ficou deitado, aterrorizado, tentando reunir coragem para se levantar. Então, encontrou sua lancha de desembarque. Porém, antes que ele e o sargento pudessem tirar as várias armas e os dois jipes restantes, a lancha afundou no mar agitado. Havia mais problemas. Ele soube que um “torpedo submarino [tinha] atingido nosso transporte no mar e todo o nosso equipamento se foi com ele. Perdemos todos as nossas sacolas militares, comida, cozinha e outros equipamentos. Tudo o que nos restava eram as roupas do corpo e as rações que carregávamos. Estávamos cansados e enojados”.<sup>6</sup>

Ele e o sargento não tiveram opção a não ser voltar pela praia e se juntar à companhia no ponto de encontro na ponte suspensa. No começo da tarde, Fedala estava em mãos norte-americanas, e Britt e sua corporação marchavam em direção a Casablanca, 25,7km a sudoeste. O seu regimento encontrou resistência mínima ao fazer dezenas de soldados franceses de prisioneiros.

O comandante supremo aliado, Dwight Eisenhower, organizou um cessar-fogo com as forças francesas de Vichy 48 horas depois, em 10 de novembro. Casablanca foi ocupada com menos de 70 homens mortos na divisão de Britt, embora, quando as armas silenciaram em todo o Marrocos, os Aliados haviam sofrido cerca de 1.500 baixas. Britt e sua companhia, ou “Rocha do Marne”, como os soldados da 3ª Divisão eram conhecidos, haviam sido iniciados em meio ao completo caos e à confusão do combate em alguns dias agitados e febris. Lutaram com

quase nenhum apoio blindado, mas lideraram com sucesso a primeira invasão norte-americana da guerra. “Minha maior emoção”, Britt escreveu à esposa, “e que tenho certeza de que é algo que nunca mais verei, foi quando meus companheiros agiram tão heroicamente que no mínimo três serão condecorados por coragem excepcional”.<sup>7</sup>

Campos de batalha bem mais sangrentos e perigos muito maiores estavam reservados para Maurice Britt, mas, ao contrário de muitos de seus colegas oficiais subalternos, seu conhecimento e seu treinamento o prepararam para suportar as provações que viriam. Na verdade, ele treinou para o combate desde os dias mais difíceis da Grande Depressão, quando vestiu pela primeira vez um uniforme do exército em 1937, como calouro no programa de treinamento para militares da Universidade do Arkansas. Era inteligente, durão e humilde, sem soberba, um otimista por necessidade, crescendo muito pobre na zona rural do Arkansas. Nasceu na pequena cidade de Carlisle, na região de cultivo de arroz do estado, e já sabia o que significava a morte. Quando tinha 9 anos, seu pai foi gravemente ferido em um acidente industrial e lhe deram menos de 5 anos de vida — ele durou 4.

A mãe de Britt teve que criar dois meninos, Basil, de 9 anos, e Maurice, de 13, sozinha. Cada centavo contava, e Britt trabalhava sempre que podia, empilhando lenha e colhendo frutas e algodão.<sup>8</sup> No ensino médio, foi um atleta excepcional, jogava basquete e futebol americano, além de estrelar no time de atletismo. Seus colegas de equipe o apelidaram de Pé Grande porque ele tinha pés enormes — “número 44, sapatos largos”.

Estudou tanto quanto trabalhou para alimentar sua família e graduou-se em 1937 como orador oficial do ensino médio. Ele nunca esqueceu a alegria da mãe quando ganhou uma bolsa de estudos esportiva para a Universidade do Arkansas, onde se formou em jornalismo, esperando um dia se tornar um jornalista esportivo, caso não se tornasse um atleta profissional.<sup>9</sup> Assim como no ensino médio, Britt foi uma estrela nos esportes e um excelente aluno, obtendo ótimas notas em seu primeiro ano enquanto era aplaudido no time de futebol da faculdade, os Razorbacks, como um jogador ágil e de raciocínio rápido das linhas ofensiva e defensiva. Antes de seu último ano, havia participado de um treinamento militar de oficiais da reserva em Fort Leavenworth,



no Kansas — o que considerava, antes de seu primeiro combate, “uma experiência inestimável”.<sup>10</sup>

Aos 22, se apaixonou por uma bela e animada caloura chamada Nancy Mitchell. Após ser comissionado como segundo-tenente ao se formar, ele e Nancy, de 18 anos, casaram-se em 8 de junho de 1941. “A vida era simples e serena naqueles dias, seis meses antes de Pearl Harbor”, lembrou. “Passamos pelas montanhas Ozark na viagem de lua de mel, e no outono fomos para Detroit, onde recebi uma oferta para tentar entrar no time de futebol americano profissional Detroit Lions.”

Foi selecionado para uma das seis vagas no elenco e logo se tornou titular, um jogador de futebol profissional na NFL. Os Lions eram uma equipe lamentável, perdendo a maioria dos jogos, mas Britt era altamente respeitado pelos fãs e pelos colegas de time por sua dedicação e resistência. “Ele aguentava qualquer punição e era um homem para o jogo todo”, lembrou o companheiro de time Lion O’Neale Adams. “Sempre pensei que daria um bom líder.”<sup>11</sup> Outro dos companheiros de time de Britt era Byron White, um futuro juiz associado da Suprema Corte, supostamente o jogador mais bem pago da NFL. “Havia histórias de que [o White] ganhava US\$1.000 por jogo, o que era um dinheiro fantástico”, Britt lembrou. “Nenhum de nós sabia se era verdade e ninguém perguntou. Estávamos apenas felizes por tê-lo ao nosso lado... Não era difícil perceber que esse homem tinha futuro.”<sup>12</sup>

O mesmo poderia ter sido dito sobre Britt. Mas, então, algumas semanas antes do fim da temporada de 1941, ele recebeu uma carta do Departamento de Guerra, uma convocação para o serviço ativo.<sup>13</sup> Compareceu ao Acampamento Robinson, no Arkansas, no dia 5 de dezembro de 1941 e foi instruído a ir até Fort Lewis, no estado de Washington. Ele ouvia o rádio, dirigindo pelo deserto do Arizona com sua esposa, quando soube que Pearl Harbor havia sido atacada e que os EUA entraram na guerra.

Certo de que seria enviado para o Pacífico em questão de dias, o primeiro impulso de Britt foi parar seu cupê na próxima cidade e mandar sua noiva para casa, mas ela insistiu em cruzar as Montanhas Rochosas com ele. Foi uma jornada tensa, já que seu marido continuou pisando no acelerador, ansioso para chegar à Costa Oeste. A polícia o

parou várias vezes por excesso de velocidade, e ele explicou, sério, que estava com pressa para ganhar a guerra. Não tomou uma única multa. Em Fort Lewis, um oficial em um tanque o avaliou rapidamente — ele tinha 1,80m: “Você é bem grande”, o oficial disse. “Talvez você seja bom na infantaria.”<sup>14</sup>

Foi assim que Britt acabou na 3ª Divisão, a lendária “Rocha do Marne” que salvou Paris em julho de 1918 ao bloquear a última grande ofensiva alemã da Primeira Guerra. Apelidados de “Demônios Azuis e Brancos”, por causa das listras nessas cores em suas insígnias, os homens do Marne podiam se gabar de ter tido em sua divisão ninguém menos que Dwight Eisenhower — o futuro comandante supremo aliado — e George Marshall, chefe do Estado Maior do Exército dos EUA.<sup>15</sup>

MAIS TARDE, EM NOVEMBRO DE 1942, conforme Hitler enviava mais homens ao norte da África para reforçar o Afrika Korps de Rommel, Britt e seu batalhão ficaram responsáveis por cuidar da segurança de uma das conferências mais importantes da Segunda Guerra em Casablanca, o primeiro porto do Atlântico que poderia receber tropas e suprimentos diretamente dos Estados Unidos. Era um trabalho tedioso, mas ele e sua companhia encontraram tempo para negociar com os árabes locais, lembrou, “por ovos e outros alimentos para complementar nossas rações. Um dos nossos foi sortudo e desembarcou com uma caixa de fichas de pôquer vermelhas, brancas e azuis. Os árabes acharam que as fichas valiam mais do que moedas de prata, e nosso homem quase ganhou um altar no mercado de ovos marroquino”.<sup>16</sup>

De 8 a 23 de janeiro de 1943, Britt e seus companheiros mantiveram tudo em ordem no elegante Anfa Hotel enquanto o primeiro-ministro Winston Churchill, o presidente Roosevelt e os militares planejavam uma estratégia para derrotar o Eixo no norte da África e depois na Europa continental. “Britt conheceu pessoalmente seu comandante-chefe”, foi revelado mais tarde, assim como “Churchill, De Gaulle, Marshall e outros”.<sup>17</sup>

A Operação Tocha foi recebida com oposição pelos chefes de Estado Maior dos EUA, que temiam ser arrastados para um espetáculo

secundário mal planejado no Mediterrâneo, projetado para promover os objetivos imperialistas de Churchill. Mas Roosevelt estava sob forte pressão para enviar mais homens e material na luta contra o Eixo. Foi impossível invadir o noroeste da Europa em 1942 e, assim, abrir uma segunda frente como Stalin exigia. Para manter a energia na guerra, Roosevelt concordou com os apelos de Churchill para um ataque no “ponto fraco” do Terceiro Reich no Mediterrâneo.<sup>18</sup> Por insistência de Roosevelt, foi decidido em Casablanca que não haveria negociação com Hitler e as potências do Eixo; somente a rendição incondicional seria aceitável.

Assim que os dignitários deixaram Casablanca, Britt e seu batalhão disseram adeus ao porto e às suas antigas medinas, café de chicória, exércitos de pedintes e colonos franceses grosseiros. Foram enviados para a fronteira repleta de ventanias entre a Espanha e o Marrocos, onde cumpriram o papel de guardas de novo. A primavera chegou e os homens já não estremeiam tanto ao ficarem em postos de sentinela à noite. Em 7 de março de 1943, receberam um novo comandante de divisão, o major-general Lucian Truscott, de 48 anos, um esteta fumante que saíra da América com um exemplar de *Guerra e Paz* e uma garrafa de bebida na sacola. Ex-professor do Texas, filho de um médico do interior, aos 23 alistou-se na cavalaria e se tornou um excelente jogador de polo. Famoso por ser mal-humorado e cabeça-dura, ele logo distribuiria sentenças de 50 anos para homens que deram um tiro no próprio pé a fim de evitar o combate.

Truscott assumiu o comando em um momento decisivo na campanha do norte da África. Os Aliados esperavam uma vitória rápida após a Operação Tocha, mas as forças de Rommel provaram ser irritantemente difíceis de derrotar. As chuvas açoitavam os invasores perturbados pelos mosquitos, e a lama funda nas estradas costeiras retardava os tanques Aliados. Então, uma vitória impressionante contra os norte-americanos veio no Passo de Kasserine. Seis batalhões dos EUA foram destruídos em dois dias.

Foi um desempenho lamentável, causando zombaria por parte dos britânicos. Mas Kasserine foi uma derrota necessária que abalou o exército dos EUA, causando demissões e redistribuição de homens

e comandos. Agora, naquela primavera de 1943, os Aliados estavam de volta à ofensiva, mais bem organizados e com novos generais como Truscott no comando. Um número recorde de navios inimigos estava sendo afundado, sufocando as linhas de suprimentos em todo o Mediterrâneo. Naquele 22 de abril, os Aliados fizeram uma ofensiva decisiva. Tunes caiu quando dois poderosos exércitos Panzer alemães se desfizeram, e em 13 de maio, o que restava do Afrika Korps de Rommel foi derrotado e 238 mil alemães e italianos foram aprisionados.

Lucian Truscott reuniu seus oficiais para um discurso motivacional. Os alemães não eram super-homens. Quando o soldado norte-americano era ousado, organizado e agressivo, conseguia vencer seu inimigo alemão, sempre chamado de Boche por Truscott. Mal se passou uma semana e Truscott ordenou que seus comandantes de regimento se mudassem para Arzew, um centro de treinamento na Argélia.<sup>19</sup> “Enquanto os Aliados expulsavam o marechal Rommel das portas do Egito e os alemães eram encurralados na Tunísia”, lembrou Britt, “nossa divisão ensaiava [uma] invasão. Praticávamos desembarques na praia repetidamente. Era um trabalho perigoso, mas os homens que formavam as equipes de combate eram, no geral, voluntários. Não receberam nenhum pagamento extra.”<sup>20</sup>

Truscott estava bastante determinado a deixar a Rocha do Marne em perfeitas condições, mandando os comandantes dos regimentos enviá-los em longas e forçadas marchas em velocidade máxima para que aprendessem o que seria chamado de trote Truscott. “Você ouviu o que aquele novo general durão quer que façamos?”, alguns oficiais perguntaram. O Manual de Campo do Exército dos EUA estabelecia que as tropas marchassem a 4km por hora. Ele exigiu 6km. Um coronel se atreveu a lhe mostrar o manual. “Coronel”, rosnou, “pode jogar isso no lixo”.<sup>21</sup>

Truscott queria que os homens cobrissem o máximo de terreno o mais rápido possível, girando e correndo com a velocidade da cavalaria. Sabia que a próxima operação anfíbia dos Aliados aconteceria naquele verão, em um calor escaldante e em terrenos acidentados inadequados para tanques de guerra. O objetivo havia sido decidido na conferência de Casablanca. A Rocha do Marne iria para a Sicília.

No fim de junho, o tenente Britt e sua companhia finalmente puderam descansar. Estavam em excelente forma, mais bem condicionados para matar do que ficariam em qualquer estágio da guerra. Em 3 de julho, Britt estava em um olival ressecado na Tunísia. Era fim de tarde quando, com o rosto bronzeado, reuniu-se com oficiais da 3ª Divisão em um grande semicírculo. Muitos homens, com uniformes manchados de suor, sentaram nos próprios capacetes sob um sol escaldante.

O chefe da divisão da Rocha do Marne, o coronel Don Carleton, corpulento, com o rosto queimado de sol e bigode eriçado, aproximou-se do microfone.

Houve uma súbita rajada de ar quente.

“Cavalheiros”, Carleton disse, “o primeiro Siroco. Um vento quente que varre para o norte as areias do Saara, com o calor de uma fornalha, para sumir no Mediterrâneo. Um bom presságio.”

Alguns homens riram sem entusiasmo.

Então Carleton viu que o general Truscott se aproximava. “Atenção!”

Os homens se colocaram de pé.

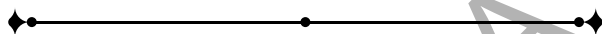
“Cavalheiros, o comandante-geral.”

Lucian Truscott ficou diante de um microfone. O sol brilhava em seu rosto largo, fazendo-o apertar os olhos. “Senhores”, disse, “estamos às vésperas de uma grande aventura. Estamos prestes a iniciar a maior expedição anfíbia que o mundo já conheceu... Encontramo-nos esperando o sucesso ou... o fracasso? Não, em vez disso, esperamos o sucesso ou o sucesso além das nossas maiores expectativas. Não conhecemos a palavra ‘fracasso’”.

No dia seguinte, Dia da Independência, ele fez um discurso mais curto e enfático, dirigindo seus comentários a todo homem com listras azuis e brancas no ombro: “Vocês vão conhecer os ‘boches’! Entalhem seus nomes nos rostos deles!”<sup>22</sup>



## CAPÍTULO 2



# Sicília

NETUNO ESTAVA IRRITADO. Na noite anterior, uma tempestade feroz havia atingido a frota invasora, ameaçando derrotar os Aliados antes mesmo de chegarem em terra firme. O vendaval de força 7 havia diminuído, mas ondas altas ainda batiam nas lanchas de desembarque enquanto avançavam em direção à costa. Era manhã no dia 10 de julho de 1943 na costa sul da Sicília. Em um navio estava um soldado de 19 anos chamado Audie Murphy, número de serviço 18093707. Ao lado dele, homens da Companhia B do 15º Regimento de Infantaria estavam curvados, vomitando. O texano de 1,70m de altura e 62,5kg, um capacete de aço amarrado às costas, olhava para a frente, para as areias douradas e macias da Praia Amarela, a leste do porto de Licata.

A embarcação ia para cima e para baixo, atingida pelo vento forte — o que os sicilianos, que tiveram seu território invadido tantas vezes ao longo dos séculos, chamavam de *tramontana*. Os homens continuavam vomitando. Estavam no início da libertação da Europa, a primeira

parte da maior invasão anfíbia da história até hoje, envolvendo 66 mil de seus compatriotas norte-americanos e quase o dobro de tropas britânicas, além de 2.600 navios da marinha. De acordo com o comandante da divisão, Lucian Truscott, a Rocha do Marne estava “ansiosa para terminar o trabalho — e voltar para casa”.<sup>1</sup>

A bordo do USS *Biscayne*, a alguns milhares de metros da Praia Amarela, Truscott estava vestido para a batalha, com sua característica jaqueta de couro e uma gravata de seda. Nas longas horas antes do amanhecer, estivera “preocupado com os próprios pensamentos”, assombrado por lembranças do fracassado ataque a Dieppe em agosto de 1942, o qual ele testemunhou. Lembrou da tensão excruciante antes do início da Operação Tocha, a invasão do norte da África, no novembro passado.

“Qual seria o resultado?”<sup>2</sup> Truscott se perguntou.

Os alemães não seriam pegos de surpresa. Albert Kesselring, no comando das forças alemãs na Sicília e na Itália, esperava um desembarque Aliado e se preparou para tal. O ex-membro da Artilharia de 57 anos havia reforçado as tropas do Eixo. As defesas costeiras na Sicília ainda eram patéticas, “doces e macias como tiramissu”, e ele não tinha fé alguma nos defensores italianos — covardes congênitos, mulherengos amantes de café expresso. Mas nem a pouca defesa nem os italianos importavam. As divisões Panzer de Kesselring esperariam que os norte-americanos do general George Patton, e os britânicos e canadenses liderados pelo general Bernard Montgomery, avançassem e depois contra-atacaria, jogando-os de volta no Mediterrâneo. Antes do fim da guerra, Kesselring mataria mais homens de Truscott do que qualquer outro chefe militar alemão.

Não parecia que ele estava se aproximando de um “tiramissu” para o soldado Audie Murphy, desesperado para desembarcar. O que quer que Kesselring tivesse em mente para ele e para seus companheiros invasores, não poderia ser pior do que ficar apertado em um navio de transporte e depois em uma lancha de desembarque. Finalmente, estava quase na Praia Amarela, a poucos metros da água invadindo a areia dourada.